

Cem Anos de Caruaru: Música, Memória e Representações Culturais¹

A Hundred Years of Caruaru: Music, Memory and Cultural Representations

Hellen Danielly Soares*

<https://orcid.org/0009-0008-5886-2742>

Paulo Julião da Silva**

<https://orcid.org/0000-0001-8494-0726>

Resumo

Este artigo explora a celebração do centenário de Caruaru, ocorrido em 1957, e o impacto dessa comemoração na construção da identidade cultural da cidade. Ao longo do texto, discutimos o papel das instituições locais, da imprensa e de intelectuais nacionais nas festividades. Também abordamos a importância das músicas produzidas em homenagem à cidade, com destaque para as composições de Luiz Gonzaga e Onildo Almeida, que consolidaram a imagem de Caruaru como um centro cultural do Nordeste. As representações culturais e a integração entre o evento e a Feira de Caruaru reforçam o papel da música e da cultura popular na criação de uma memória coletiva da cidade. A metodologia baseou-se em uma pesquisa documental e teve como pressupostos teóricos autores da História Cultural. Esperamos contribuir com os debates sobre a história regional, particularmente da cidade de Caruaru, em meados do século XX.

Palavras-chave: Centenário de Caruaru; cidade; representações; música.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora efetiva do Estado de Pernambuco e da Associação Caruaruense de Ensino Superior e Técnico. E-mail: hellendaniellyg@gmail.com

** Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação, do Mestrado Profissional em História, do Programa de Pós-graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: paulo.juliao@ufpe.br

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Abstract

This article explores the celebration of Caruaru's centennial, which took place in 1957, and the impact of this commemoration on the construction of the city's cultural identity. Throughout the text, we discuss the role of local institutions, the press, and national intellectuals like Jorge Amado in the festivities. We also highlight the importance of the music produced in honor of the city, especially the compositions by Luiz Gonzaga and Onildo Almeida, which helped establish Caruaru as a cultural hub in the Northeast. The cultural representations and the connection between the event and the Caruaru Fair reinforce the role of music and popular culture in creating a collective memory of the city. The methodology was based on documentary research and was guided by theoretical approaches from Cultural History authors. We hope to contribute to debates about regional history, particularly that of Caruaru, in the mid-20th century.

Keywords: Caruaru Centennial; city; representations; music.

Introdução

O centenário de Caruaru, celebrado em 18 de maio de 1957, marcou um momento significativo para a cidade, consolidando-a como um importante centro cultural e econômico do Nordeste. Situada no Agreste pernambucano, Caruaru se tornou conhecida por sua vitalidade cultural, refletida especialmente na famosa Feira de Caruaru, um dos principais pólos de comércio e tradições populares da região. O centenário, no entanto, não foi apenas uma comemoração de sua longevidade, mas também um ponto culminante na construção de uma identidade urbana que atravessou fronteiras regionais e chegou ao cenário nacional.

Nessa festividade, observamos uma clara construção de representações culturais da cidade, que se manifestam tanto nas celebrações públicas quanto nas produções musicais. A teoria das representações culturais de Roger Chartier é útil para entender esse fenômeno. Para Chartier, as representações não são meramente reflexos de uma realidade objetiva, mas “práticas que constroem, manipulam e transformam o real¹”. No caso de Caruaru, a cidade foi retratada não apenas como um centro econômico em crescimento, mas também como um espaço de cultura e tradição popular, reforçado pelos discursos da mídia e pelas músicas compostas para a ocasião.

¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p.16.

As celebrações do centenário foram aguardadas com grande entusiasmo por anos, como demonstram os registros da época. Publicações como o *Jornal Vanguarda* já mencionavam o marco histórico em 1955, refletindo o clima de expectativa que permeava a cidade e seus arredores. Não apenas a população local, mas também instituições importantes, como a Igreja Católica, os partidos políticos, a Associação Comercial, a maçonaria, e figuras influentes como intelectuais e jornalistas, uniram-se para fazer do centenário uma festa grandiosa. A ideia de projetar Caruaru como uma cidade próspera, progressista e de relevância nacional foi fortemente cultivada durante esses preparativos.

O evento atraiu a atenção da mídia, tanto regional quanto nacional, com jornais como o *Diário de Pernambuco* e o *Correio da Manhã* cobrindo amplamente as festividades. Além disso, a presença de uma caravana de renomados intelectuais, incluindo nomes como Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles e Aníbal Machado, reforçou a importância simbólica da cidade no cenário cultural brasileiro. Essa participação não apenas colocou Caruaru no mapa literário e artístico, mas também ajudou a consolidar a imagem da cidade como um berço de cultura e tradição popular.

Outro aspecto central das celebrações foi o papel da música. O sanfoneiro Luiz Gonzaga, um dos maiores expoentes da música nordestina, imortalizou a cidade com suas composições em homenagem ao centenário. Canções como “A Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida, e “Capital do Agreste”, de autoria de Gonzaga e Nelson Barbalho, imortalizaram a cidade e fortaleceram suas representações culturais. Através dessas músicas, Caruaru foi retratada como uma cidade vibrante, cuja cultura e economia giravam em torno da famosa feira, um verdadeiro símbolo de sua identidade.

Dessa forma, o centenário de Caruaru não foi apenas uma comemoração local, mas também um evento que reverberou nacionalmente, consolidando a cidade como um espaço de produção cultural relevante. Este artigo busca explorar as diferentes representações de Caruaru durante seu centenário, analisando o papel das instituições locais, da imprensa, dos intelectuais e das músicas compostas em homenagem à cidade, mostrando como essas múltiplas narrativas contribuíram para a construção de uma identidade que ressoa até os dias de hoje.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, focada na análise documental e na interpretação de fontes primárias e secundárias. A pesquisa foi conduzida em três etapas principais. A primeira etapa consistiu no levantamento e análise de fontes documentais, incluindo jornais, revistas

e publicações da época, como o Jornal Vanguarda, Diário de Pernambuco, Correio da Manhã e Jornal de Letras.

Essas fontes foram analisadas para compreender como o centenário de Caruaru foi representado pela imprensa local e nacional, assim como para mapear a recepção das festividades pela população e pelos intelectuais envolvidos. A análise documental centrou-se em identificar as principais narrativas em torno da cidade, com atenção especial à participação de instituições locais, como a Igreja, a maçonaria e partidos políticos, além da importância da Feira de Caruaru como símbolo cultural e econômico.

A segunda etapa envolveu a análise das composições musicais produzidas em homenagem ao centenário, destacando “A Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida, e “Capital do Agreste”, de Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho. Através da análise das letras, o objetivo foi identificar como a música contribuiu para a construção da identidade cultural de Caruaru, enfatizando tradições locais e personagens históricos. A metodologia empregada aqui foi a análise do discurso, visando compreender as representações culturais e identitárias que emergem das músicas e como elas ajudaram a difundir a imagem de Caruaru nacionalmente.

A terceira etapa do estudo consistiu na interpretação de relatos e testemunhos de personalidades que participaram das festividades, como Jorge Amado, Aníbal Machado e Nelson Barbalho. Foram comparadas percepções positivas e críticas, como as observações de Barbalho sobre o comportamento de Amado durante o evento, a fim de explorar as tensões entre a idealização cultural da cidade e as interações reais durante as comemorações. Esses relatos foram analisados à luz da teoria das representações sociais, buscando compreender como as experiências individuais refletiram e contribuíram para a construção coletiva da identidade de Caruaru.

Por fim, foi realizada uma análise comparativa entre as diferentes representações da cidade nos discursos midiáticos e musicais, contrastando-as com as percepções pessoais das figuras públicas presentes no evento. A síntese dessas perspectivas permitiu identificar como as várias camadas culturais — música, imprensa, intelectuais e população local — se entrelaçaram para moldar a imagem de Caruaru como um centro cultural e econômico durante as comemorações do centenário.

O papel das instituições e da imprensa

Em maio de 1957, mais precisamente no dia dezoito, a cidade de Caruaru celebrava seu centenário com grande entusiasmo. O aniversário do município agrestino do Estado de Pernambuco não passava despercebido, afinal, “bem poucas cidades do Nordeste que têm o privilégio de celebrar cem anos de existências nas invejáveis condições de Caruaru”².

O aniversário de Caruaru já era aguardado anos antes, como evidenciado pelo entusiasmo registrado em publicações como o *Jornal Vanguarda*, principal periódico da cidade, que também circulava pelos municípios vizinhos e já mencionava o centenário em 1955. Esse marco histórico despertou grande interesse e gerou expectativas em relação às celebrações.

De dentro da cidade, o empenho dos poderes públicos, da Igreja Católica, das Igrejas Evangélicas, da Associação Comercial, dos Partidos Políticos, da Maçonaria, do Rotary Club, além da atuação de escritores, jornalistas, artistas e intelectuais, teria concorrido para imprimirem sua marca na festa do Centenário. A festividade, marcada para dezoito de maio de 1957, tornou-se o mote através do qual esses agentes procuraram construir a ideia de uma grande cidade, produto do esforço de sujeitos individuais que impulsionaram o seu desenvolvimento.³

Além das colunas locais, como *A Defesa*, *Jornal do Agreste* e *Revista do Agreste*, as comemorações também foram registradas em jornais de alcance nacional.

No *Diário de Pernambuco*, é possível encontrar registros sobre o centenário de Caruaru com quase um ano de antecedência. Em abril de 1956, o jornalista Antônio Miranda já demonstrava sua preocupação com a falta de progresso na construção do prédio da prefeitura de Caruaru, com a manchete “O centenário está próximo e a prefeitura não tem prédio”⁴. Em agosto do mesmo ano, o cronista Samuel Soares, na matéria intitulada “Centenário de Caruarú”, descreve que “pelo menos agora, nenhum acontecimento, na vida

² CEM anos de vida. *Vanguarda*, Caruaru-PE, ano XXVI, n. 1256, 18 mai. 1957.

³ SANTOS, José Veridiano dos. *Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. p. 45.

⁴ MIRANDA, Antonio. O CENTENÁRIO ESTÁ PRÓXIMO E A PREFEITURA NÃO TEM PRÉDIO. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 00179, 3 abr. 1956.

interiorana, do nosso Estado, pode exercer, em significação e importância, ao da próxima comemoração do centenário de Caruaru”⁵.

Em terras cariocas, o jornal *Diário da Noite* noticiava, em 1957, a chegada do senador Apolônio Salles à capital da época, Rio de Janeiro, para deslocar-se à cidade “a fim de assistir às solenidades comemorativas do centenário de Caruaru”.⁶

Também na imprensa da “cidade maravilhosa”, o jornal *Correio da Manhã*, em fevereiro de 1957, registrava a chegada do então “prefeito da mais importante cidade de Pernambuco, depois de Recife: Caruaru”, Sizenando Guilherme de Azevedo, à capital do país. Segundo o jornal, o prefeito caruaruense veio “tratar assuntos referentes ao município que administra” e “ultimar os preparativos para as comemorações do centenário”, destacando Caruaru como “uma das cidades mais faladas do país”⁷.

O *Jornal de Letras*, conduzido pelos Irmãos Condé, João Conde e Elysio Condé, literatos caruaruenses amplamente celebrados na música, noticiava em abril a chegada da “caravana de intelectuais”. Esta publicação reforça a identidade cultural de Caruaru, frequentemente chamada de “Terra dos Condé” devido à influência dos irmãos. O jornal relatava que a caravana chegou ao Recife com o intuito de seguir para Caruaru e “assistir aos festejos comemorativos”, destacando que estava sendo “organizado um programa atraente de comemorações de natureza cultural”⁸. Esse movimento evidenciava o impacto cultural e a relevância dos festejos do centenário de Caruaru, atraindo atenção e participação de figuras importantes no cenário intelectual da época.

A caravana de intelectuais liderada pelos irmãos Condé, que reuniu uma impressionante lista de nomes proeminentes da literatura e da intelectualidade nacional. Entre os participantes estavam o renomado romancista Jorge Amado, o influente redator do periódico carioca “*Diário de Notícias*”, Osório Borba, e o diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação, José Simeão Leal. Além disso, os irmãos José, Elysio e João Condé estiveram presentes, ao lado dos escritores Aníbal Machado, Lygia Fagundes Telles e Eneida, e do talentoso pintor e ilustrador Augusto Rodrigues.

⁵ SOARES, Samuel. Centenário de Caruaru. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 00077, 5 ago. 1956.

⁶ APOLONIO Salles visita Cordeiro. *Jornal Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. B06693, 20 maio 1957.

⁷ CARUARU vai comemorar seu primeiro centenário: Ouvindo o sr. Sizenando Guilherme de Azevedo, prefeito da mais importante cidade do interior pernambucano [...]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19603, 19 fev. 1957.

⁸ CENTENÁRIO Caruaru. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 93, abril, 1957.

Representando o prefeito de São Paulo, compareceu o secretário de Educação Goffredo Silva Telles, acompanhado pelos repórteres Yllen Kerr e Antônio Rudge, da “Revista da Semana” e “O Cruzeiro”, respectivamente. A comitiva também incluiu o escritor e redator do “Estado de São Paulo”, bem como o diretor da Biblioteca Pública de São Paulo, Sérgio Millet, e o presidente do Clube de Poesia de São Paulo, Antônio Rangel Bandeira.⁹

Cada participante, representando diferentes veículos de comunicação, como os já citados Jornal de Letras, Correio da Manhã, Revista da Semana, Diário de Notícias, entre outros, teve a oportunidade de compartilhar sua experiência em Caruaru e suas impressões sobre as festividades. Essa diversidade de perspectivas contribuiu para que Caruaru fosse mencionada em uma variedade de periódicos, cada um oferecendo uma visão única do evento.

Como exemplo temos o artigo publicado por Jorge Amado no seu mensário Paratodos em junho de 1957, no Rio de Janeiro, com o título “Caruaru em festa”.

Foi a mais brasileira das festas, com aquele encanto agreste do Nordeste, o folclore e a cordialidade, a graça e a inteligência, a alegria e a fartura no dar mesmo da gente mais pobre. Obrigado aos irmãos Condés, filhos festejados e queridos de Caruaru, pelo convite e sobretudo pela insistência. Não houve nota discordante nessas festas do centenário de uma cidade sertaneja, progressiva, onde a palavra cultura não é um termo vão, onde nasceram Álvaro Lins e Vitalino, Limeira Tejo e Heleno, os três Condés e a literatura dos violeiros: homens da crítica, da ficção, do jornalismo literário, e homens da arte do povo, do barro trabalhando com as mãos analfabetas e sábias, dos versos improvisados, rimas pobres contendo de quando em quando pura poesia.¹⁰

Nos escritos de Jorge Amado, Caruaru surge como um microcosmo do Brasil, refletindo uma rica tapeçaria de tradições e folclore. As figuras de Mestre Vitalino e os irmãos Condé são emblemáticas dessa cidade, destacando-a como um espaço cultural vibrante e autêntico. Amado reconhece e celebra essa identidade, destacando as qualidades poéticas e a dedicação do povo caruaruense, que vive e respira cultura popular. Essa visão é corroborada pela apreciação dos irmãos Condé, literatos locais cujo trabalho reforça a reputação de Caruaru como um centro de produção cultural.

⁹ BARBALHO, Nelson. *Caruaru:centenário da cidade*. Recife: CEPE, 2020.

¹⁰ AMADO, Jorge, 1957 apud BARBALHO, 2020. p. 144.

No entanto, a visão de Nelson Barbalho, um grande escritor e cronista caruaruense, oferece um contraponto intrigante. Embora Jorge Amado tenha expressado gratidão e encantamento com as festividades de Caruaru, Barbalho sugere que a experiência pessoal de Amado na cidade foi menos positiva. Barbalho observa que Amado, famoso por suas declarações sobre o papel do escritor como um participante ativo e envolvido com o público, não conseguiu manter essa postura em Caruaru. Em vez disso, ele se comportou de maneira elitista e distante, reminiscências do estereótipo do “escritor da torre de marfim”¹¹.

Encastelado na casa de um banqueiro, nem água de Caruaru bebeu. Enquanto esteve na cidade, de líquido, só se serviu de uísque escocês, puro, sem gelo. Não quis experimentar o fumo de rolo da feira de Caruaru. Só fumava cigarro norte-americano, importado através de contrabandistas. Puxei conversa com ele, mais de uma vez, na casa de Clóvis Cursino, sobre o seu livro *Os Subterrâneos da Liberdade*. Fugiu do assunto, sempre e sempre, desconversando, todas as vezes. Dizia-se um homem vigiado. Parecia estar pisando em terreno minado. Não confiava em ninguém. Não se abriu com ninguém.¹²

A análise de Barbalho destaca a complexidade das interações humanas e culturais. A presença de uma figura literária de renome como Jorge Amado em Caruaru deveria, em teoria, reforçar a narrativa da cidade como um epicentro da cultura popular. No entanto, o comportamento percebido de Amado subverte essa expectativa, revelando tensões entre a idealização de um escritor e suas ações reais.

Essa dualidade de percepções também pode refletir as expectativas altas que a comunidade literária e cultural de Caruaru tinha para com visitantes ilustres. A cidade, já reconhecida por sua rica herança cultural, talvez esperasse um engajamento mais profundo e autêntico de Amado. Quando ele falhou em atender a essas expectativas, a decepção foi amplificada pela sua própria retórica sobre ser um escritor do povo.

A participação de intelectuais como Jorge Amado e as discussões sobre sua postura nas festividades podem ser compreendidas pela perspectiva de Chartier. Para ele, as representações são sempre “múltiplas e conflitantes”

¹¹ Ibidem. p. 143.

¹² Ibidem.

(Chartier, 1990)¹³, o que pode ser observado na tensão entre a idealização de Amado como um escritor do povo e sua suposta distância da realidade local, como apontado por Nelson Barbalho. Essa contradição reflete a complexidade das práticas de representação, em que diferentes agentes constroem visões diversas sobre o mesmo objeto cultural.

Além disso, a presença da caravana de intelectuais recebeu ampla cobertura nos jornais locais e da capital pernambucana, ampliando ainda mais o alcance das festividades centenárias. Como resultado, as festividades de Caruaru alcançaram um público mais amplo e deixaram uma marca duradoura não apenas na memória local, mas também no cenário cultural e jornalístico do país.

As festividades foram marcadas por uma participação expressiva, com um grande número de pessoas vindas de todas as cidades pernambucanas para se reunir. Estendendo-se por nove dias, do dia 18 ao dia 26 de maio, o evento atraiu cerca de cinquenta mil participantes, que ocuparam as ruas com carros e sua presença animada.

Os desfiles escolares, representando todas as escolas locais e outras entidades educacionais do estado, foram uma parte destacada do programa, juntamente com exposições artísticas, apresentações musicais, desfiles carnavalescos e fogos de São João. Além disso, várias barracas e brinquedos foram montados ao longo das ruas, oferecendo uma variedade de atividades e produtos.¹⁴

Os compositores lhe cantam os parabéns

Um dos eventos marcantes do centenário da cidade foi a composição de músicas em sua homenagem. A seção “Discoteca” do Jornal Correio da Manhã destacou essa produção musical, mencionando as diversas gravações realizadas no Rio de Janeiro para celebrar a cidade. “Na RCA Victor, o sanfoneiro e intérprete nordestino Luiz Gonzaga, levou à cera “Feira de Caruaru” e “Capital do Agreste”. Na etiqueta Continental, a Bandinha 19 de Abril, perpetuou o dobrado de Vero e Chiquinho “Viva Caruaru” e o samba “Centenário de Caruaru”.¹⁵

¹³ CHARTIER, op.cit. p. 16.

¹⁴ MIRANDA, Antonio. Festas do centenário. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 maio 1957.

¹⁵ DISCOTECA: Roteiro informativo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19676, 19 maio 1957.

Uma das primeiras composições a ganhar grande reconhecimento nacional e internacional foi “A Feira de Caruaru”, escrita por Onildo Almeida¹⁶ em 1956 e gravada por Luiz Gonzaga em 1957. O disco de 78 rpm, gravado e divulgado pela voz inconfundível de Luiz Gonzaga na gravadora RCA VICTOR, continha apenas duas músicas.

O disco que vendeu mais de cem mil cópias, sendo o maior sucesso, continha, no lado A, a música “Feira de Caruaru”. No lado B, estava o baião “Capital do Agreste”, encomendado pelo próprio Luiz Gonzaga a Onildo Almeida e Nelson Barbalho para homenagear Caruaru no seu primeiro centenário.

Essas composições não apenas celebraram o centenário de Caruaru, mas também desempenharam um papel fundamental na difusão e fortalecimento do imaginário sobre a cidade. Através dessas músicas, a identidade cultural e urbana de Caruaru foi amplamente divulgada, criando e recriando representações da cidade em diversos contextos. Segue a letra de “A Feira de Caruaru”:

A Feira de Caruaru

Faz gosto a gente ver¹⁷

De tudo que há no mundo

Nela tem pra vender

Na feira de Caruaru

Tem massa de mandioca

Castanha assada, tem ovo cru

Banana, laranja, manga

Batata, doce, queijo e caju

Cenoura, jabuticaba

Guiné, galinha, pato e peru

Tem bode, carneiro, porco

Se duvidar inté cururu

¹⁶ Cantor e compositor caruaruense que teve mais de 500 canções gravadas, em maioria com temas populares e versando sobre Caruaru.

¹⁷ ALMEIDA, Onildo. *A Feira de Caruaru*. [Gravação]. Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA VICTOR, 1957. Disco sonoro.

Tem cesto, balaio, corda
Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu
Tem fumo, tem tabaqueiro
Feito de chifre de boi zebu
Caneco alcoviteiro
Peneira boa e mé de uruçú
Tem carça de arvorada
Que é pra matuto não andar nu

Tem rede, tem balieira
Mode menino caçar nambu
Maxixe, cebola verde
Tomate, cuentro, couve e chuchu
Armoço feito nas torda
Pirão mexido que nem angu
Mobilha de tamburete
Feita do tronco do mulungu

Tem louça, tem ferro velho
Sorvete de raspa que faz jaú
Gelada, cardo de cana
Fruta de palma e mandacaru
Bonecos de Vitalino
Que são conhecidos inté no Sul
De tudo que há no mundo
Tem na Feira de Caruaru

Esta música, repleta de termos registrados na linguagem coloquial, dita regional, nos transporta para o ambiente vibrante da feira, que foi por muito tempo o centro econômico da cidade, caracterizada como o lugar que tem “de tudo que há no mundo”. De acordo com o Dossiê número 9 do Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que aborda a feira, considerada Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro desde 2006:

Em 1956, Luiz Gonzaga chegou a Caruaru para se apresentar na Rádio Difusora e escutou “A Feira de Caruaru”. Com muito entusiasmo, pediu a Onildo para gravá-la, vendendo em 1957 mais de cem mil cópias. A Feira também se fortalecia, pois as pessoas iam conferir os itens relacionados na música e reclamavam a ausência de alguns artigos. Hoje não se tem conta de quantos intérpretes cantam esta música e mais de 34 países a conhecem. Onildo afirma: “Uma vez a Orquestra Sinfônica de Berlim incluiu em seu repertório a peça, interpretando ‘A Feira de Caruaru’”.¹⁸

A origem da feira se entrelaça profundamente com a própria história de Caruaru pois, “é uma cidade que nasceu da feira, se expandiu e se consolidou junto com ela. Não há como separar uma da outra, tão dependentes entre si, que compõem um todo orgânico, numa verdadeira simbiose”¹⁹. A feira surgiu ao redor da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, construída em 1781, sendo considerada o marco inicial da povoação de Caruaru.

À medida que a população se dirigia à missa, levava também sua produção do roçado ou artesanatos para comercializar no local. A pequena feira transformou a área central do povoado, agregando valores econômicos, sociais e culturais, e estreitando cada vez mais a ligação entre a vida cotidiana dos habitantes e a Feira de Caruaru.

¹⁸ BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru*. Brasília, DF, 2009.

¹⁹ *Ibidem*, p. 13.

Figura 1: Feira semanal de Caruaru (PE)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia Estatística -IBGE

Na figura 1, de 1955, observamos a feira vista de cima, quando ainda se encontrava no centro da cidade²⁰, com seus barracões e as milhares de pessoas que vinham especialmente para comprar e vender produtos diversos. À esquerda, vemos a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, marco inicial do povoado, e ao fundo, à direita, o Monte Bom Jesus, ponto mais alto da cidade. Durante o período do centenário, o monte estava sendo revitalizado com a construção de uma escadaria que daria acesso ao ponto turístico, proporcionando uma vista panorâmica de toda a urbe.

Através da canção, que foi fruto de uma pesquisa de campo realizada por Onildo para que cada verso rimasse com o nome da cidade, nos é possibilitado visualizar alguns objetos:

²⁰ A feira foi transferida para o Parque 18 de Maio em 1992 pois, com seu contínuo crescimento, sua localização na Rua do Comércio, onde ficou por cerca de dois séculos, estava atrapalhando a dinâmica da urbana e dificultando a administração da mesma.

Quer dizer, o que é ‘carça de alvorada’? É o jeans de hoje. Como é o jeans, se o jeans foi o americano que inventou, foi...mas é... é um pano característico similar, só que o... o... a... o brim, a alvorada, que era a calça de alvorada. Alvorada é um brim, um brim feito uma lona, resistente a sol e chuva. O matuto comprava uma capa, uma calça daquela, ia pra roça com ela, lavava e vinha pra feira, quer dizer, era a roupa eterna dele, ele passava o ano todinho com aquela roupa, e a roupa forte, não rasgava facilmente, que era uma lona, então dali a semelhança do jeans, porque a cor do jeans é exatamente a cor da calça de alvorada, entendeu? ²¹

Na Figura 2, também do mesmo ano, podemos observar uma parte do interior da feira onde ocorre uma grande movimentação de pessoas comercializando frutas e verduras.

Nos dias atuais, a Feira de Caruaru desempenha um papel significativo na economia local, contando com uma grande diversidade de setores. Entre esses setores, destacam-se a Feira de Artesanato, a Feira de Importados, a Feira da Sulanca (confeções populares), a Feira de Frutas e Verduras, a Feira de Raízes e Ervas Medicinais, a Feira do Troca-Troca, a Feira de Flores e Plantas Ornamentais, a Feira de Couro, a Feira de Roupas, a Feira dos Bolos, a Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho, a Feira das Ferragens e a Feira do Fumo.

Cada uma dessas feiras setoriais atrai milhares de turistas e contribui para a movimentação da economia de Caruaru, fortalecendo sua importância como um centro de comércio regional. Com o público variando de acordo com a época, “entre 25 a 30 mil pessoas circulam apenas pela Feira da Sulanca, onde é possível encontrar diversas roupas a baixo custo e, segundo o historiador José Urbano estima-se que a mesma movimente cerca “R\$ 80 milhões de reais em um período de 24 horas”²²

²¹ ALMEIDA, Onildo. in BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru*. Brasília, DF, 2009, p. 12.

²² RODRIGUES, Larissa; CASTRO, Tarsila. Berço de Caruaru, feira é impulso para o futuro. *Folha de Pernambuco*, Recife, 23 mar. 2024. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/berco-de-caruaru-feira-e-impulso-para-o-futuro/325064/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Figura 2: Feira semanal de Caruaru (PE)



Fonte: IBGE

Abaixo, na Figura 3, vemos uma imagem mais recente, de 2021, onde o compositor e cantor Onildo Almeida, que ajudou a consolidar a feira, caminha pela Feira de Artesanato. Ao fundo, podemos observar uma variedade de artigos, como brinquedos artesanais, cofres de gesso, bolsas, redes, literatura de cordel, miniaturas e esculturas de jardim feitas em barro, cestos, entre outros.

Figura 3: Onildo Almeida, parceiro de Gonzaga e compositor de “A Feira de Caruaru”



Fonte: Folha de Pernambuco

As representações culturais de Caruaru, construídas durante as festividades do centenário, exemplificam o que Chartier descreve como o papel das “representações na produção e circulação de significados”.²³ A música “A Feira de Caruaru”, por exemplo, vai além de uma simples homenagem à feira; ela molda e perpetua uma imagem da cidade como um espaço onde “tudo o que há no mundo” pode ser encontrado, criando uma representação simbólica que transcende a realidade objetiva da feira. Nesse sentido, a música atua como uma prática cultural que reforça e difunde a identidade de Caruaru.

Virando o lado do disco encontramos a canção “Capital do Agreste”, música encomendada por Luiz Gonzaga como presente à cidade onde sempre teve parcerias e público, até mesmo quando o baião começava a se tornar um ritmo em declínio nacional.

Na letra desta composição, a história da cidade é narrada progressivamente, apresentando personagens que fizeram parte de sua história e seu desenvolvimento por meio das estruturas que os autores consideravam símbolos de uma cidade bem-sucedida - as escolas, os abrigos, o Hospital Infantil e as igrejas.

Quem conhece o meu Nordeste

Certamente há de saber

Que Caruaru, de bonito

Há cem anos veio nascer

De fazenda Cururu

Povoado se tornou

Foi crescendo, foi crescendo

E à Vila, logo chegou

João Vieira de Melo

Coronel Cabra da Peste

Da vila fez a cidade

Hoje Capital do Agreste

Oh!Cidade encantadora

²³ CHARTIER, Roger. *As representações culturais: formas de construção do mundo social*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1991, p. 25.

Terra do Major Dandinho
Neco Porto, João Guilherme

O saudoso Vigarinho
O progresso foi tão grande
Tudo, tudo evoluiu
Tem escolas, tem abrigos
Também Hospital Infantil
As igrejas são tão lindas
Habitantes, mais de cem mil
Pedaço de Pernambuco
Orgulho do meu Brasil

Oh! Cidade Centenária
Caruaru!
És bonita, és lendária
Caruaru!
Teus caboclos tão cantando
Não há terra como tu
Quem tá longe, tá chorando
Longe de Caruaru
Caruaru, Caruaru
Caruaru, Caruaru } bis²⁴

Os compositores não se restringem a economizar adjetivos ufanistas, descrevendo Caruaru como “bonita” e “lendária”. A composição também retrata a saudade e tristeza das pessoas que, por infortúnio do destino, tiveram que partir e viver longe dela, lamentando a falta de encontrar uma terra comparável.

A dicotomia entre a forma como determinado autor descreve a cidade em periódicos locais e como opta por representá-la em uma música que iria ser cantada por um artista renomado, como Luiz Gonzaga, é bastante interessante.

²⁴ Almeida, Onildo; Barbalho, Nelson. *Capital do Agreste*. [Gravação]. Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA VICTOR, 1957. Disco sonoro.

Enquanto os periódicos podem adotar uma abordagem mais descritiva e crítica, destacando aspectos específicos da cidade, a música tende a apelar para uma representação mais emocional e ampla, buscando ressaltar o sentimento de pertencimento à comunidade e suas grandiosidades.

É notável como essa diferença de abordagem pode influenciar a percepção pública da cidade, especialmente considerando o alcance nacional e o impacto cultural das músicas de artistas como Gonzaga.

Conclusão

O centenário de Caruaru, celebrado em 1957, foi um marco que transcendeu as fronteiras locais, projetando a cidade como um importante centro cultural e econômico do Nordeste brasileiro. Através de uma ampla mobilização de instituições locais, da imprensa e de figuras intelectuais renomadas, o evento não apenas celebrou a longevidade da cidade, mas também consolidou sua identidade cultural, baseada em tradições populares e no dinamismo econômico da Feira de Caruaru.

As músicas compostas em homenagem ao centenário, especialmente “A Feira de Caruaru” de Onildo Almeida, gravada por Luiz Gonzaga, desempenharam um papel fundamental na difusão dessa identidade, levando Caruaru a se tornar um símbolo de cultura e resistência do sertão nordestino. Essas canções, repletas de referências à feira e aos personagens históricos da cidade, criaram um imaginário poderoso, conectando Caruaru às suas raízes e ao mesmo tempo promovendo-a em escala nacional.

Entretanto, as tensões entre a idealização de figuras públicas e suas ações reais, como exemplificado pela crítica de Nelson Barbalho a Jorge Amado, revelam que a construção da imagem de Caruaru não foi isenta de conflitos. A presença de intelectuais de renome, ao mesmo tempo em que elevou o perfil cultural da cidade, também expôs as expectativas e frustrações em torno da participação dessas figuras nas celebrações populares.

Seguindo a linha de pensamento de Chartier, podemos afirmar que o centenário de Caruaru foi um momento crucial para a construção e circulação de representações culturais da cidade, que foram moldadas por meio de discursos midiáticos, eventos públicos e produções musicais. A ideia de Caruaru como uma cidade progressista, culturalmente rica e economicamente ativa não é apenas um reflexo da realidade, mas uma construção social, resultado das práticas culturais e representações que emergiram naquele momento

histórico. Como destaca Chartier, as representações “não apenas descrevem o mundo, mas o constituem”²⁵, e no caso de Caruaru, essa constituição continua a influenciar sua identidade até os dias de hoje.

Por fim, o centenário de Caruaru demonstrou como eventos comemorativos podem desempenhar um papel crucial na construção de uma identidade coletiva, reforçando laços culturais e econômicos e projetando uma imagem unificada para o exterior. As festividades, as músicas e as narrativas que emergiram desse marco continuam a ressoar na memória cultural da cidade, consolidando Caruaru como um espaço simbólico de cultura e tradição no Brasil.

Referências

- ALMEIDA, Onildo. *A Feira de Caruaru*. [Gravação]. Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1957. Disco sonoro.
- ALMEIDA, Onildo; BARBALHO, Nelson. *Capital do Agreste*. [Gravação]. Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1957. Disco sonoro.
- AMADO, Jorge. Caruaru em festa. *Paratodos*, Rio de Janeiro, jun. 1957. Apud BARBALHO, Nelson. *Caruaru: centenário da cidade*. Recife: CEPE, 2020.
- BARBALHO, Nelson. *Caruaru: centenário da cidade*. Recife: CEPE, 2020.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru*. Brasília, DF: IPHAN, 2009.
- CARUARU vai comemorar seu primeiro centenário: ouvindo o sr. Sizenando Guilherme de Azevedo, prefeito da mais importante cidade do interior pernambucano [...]. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19603, 19 fev. 1957.
- CENTENÁRIO Caruaru. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 93, abr. 1957.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *As representações culturais: formas de construção do mundo social*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1991.
- DISCOTECA: roteiro informativo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19676, 19 maio 1957.

²⁵ CHARTIER, 1990, op. cit. p. 17.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Caruaru: histórias e fotos*. Brasília, DF: IBGE, 2013. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/historico>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MACAMBIRA, Germana. Onildo Almeida, parceiro de Luiz Gonzaga, é tema de webinar no Museu do Barro e no Cais do Sertão. *Folha de Pernambuco*, Recife, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/onildo-almeida-parceiro-de-luiz-gonzaga-e-tema-de-webinario-no-museu/209239/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MIRANDA, Antonio. Festas do centenário. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 maio 1957.

MIRANDA, Antonio. O centenário está próximo e a prefeitura não tem prédio. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 00179, 3 abr. 1956.

RODRIGUES, Larissa; CASTRO, Tarsila. Berço de Caruaru, feira é impulso para o futuro. *Folha de Pernambuco*, Recife, 23 mar. 2024. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/berco-de-caruaru-feira-e-impulso-para-o-futuro/325064/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SANTOS, José Veridiano dos. *Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SOARES, Samuel. Centenário de Caruaru. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 00077, 5 ago. 1956.

VANGUARDA. Cem anos de vida. *Vanguarda*, Caruaru-PE, ano XXVI, n. 1256, 18 maio 1957.

VISITA de Apolônio Salles a Cordeiro. *Jornal Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. B06693, 20 maio 1957.

Artigo recebido para publicação em 25/07/2025 e aprovado em 24/09/2025.